



ITAMAR FREITAS

**UMA INTRODUÇÃO ÀS
TEORIAS DA HISTÓRIA**



Criação Editora

1870
1930

Título

**UMA INTRODUÇÃO ÀS
TEORIAS DA HISTÓRIA (1870-1930)**

Autor

ITAMAR FREITAS

ISBN

978-85-60102-59-4

EDITORA CRIAÇÃO
CONSELHO EDITORIAL

Ana Maria de Menezes
Christina Bielinski Ramalho
Fábio Alves dos Santos
Jorge Carvalho do Nascimento
José Afonso do Nascimento
José Eduardo Franco
José Rodorval Ramalho
Justino Alves Lima
Luiz Eduardo Oliveira
Martin Hadsell do Nascimento
Rita de Cácia Santos Souza

UMA INTRODUÇÃO ÀS TEORIAS DA HISTÓRIA (1870-1930)

ITAMAR FREITAS



Criação Editora
Aracaju | 2021

Copyright 2021 by Itamar Freitas

Grafia atualizada segundo acordo ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor no Brasil desde 2009.

Projeto gráfico
Adilma Menezes

Revisão
Christianne Gally

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)
Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

F866i Freitas, Itamar.

Uma introdução às teorias da história (1870-1930) / Itamar Freitas.
-- 1. ed. -- Aracaju, SE: Criação Editora, 2021.

176 p.; il.;

E-Book: PDF

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-60102-59-4

1. Educação. 2. Ensino de História. 3. Teoria da História. 4. Método Histórico. I. Título. II. Assunto. III. Freitas, Itamar.

CDD 372.89

CDU 37:930

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Educação: Ensino de História.
2. Educação: Historiografia

FREITAS, Itamar. **Uma introdução às teorias da história (1870-1930)**. 1. ed. Aracaju, SE: Criação Editora, 2021. E-Book (PDF). ISBN 978-85-60102-59-4



APRESENTAÇÃO

O livro *Uma introdução às Teorias da História*, de Itamar Freitas, surge em um contexto de grande efervescência da área de Teoria da História e História da Historiografia no Brasil. Pode-se dizer que o livro é uma evidência não só de um campo de estudos em franca expansão no país, mas também representa a maturidade e a profundidade analítica da produção acadêmica brasileira no âmbito da Teoria da História.

O presente livro corresponde ao segundo capítulo da tese de doutorado de Itamar Freitas, defendida em 2019, no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob a orientação do professor Temístocles Cezar. Ressalta-se o lugar social de produção da tese para apontar, ao mesmo tempo, as condições de emergência do *arqui-texto*, como também a diferença entre esse e o livro que ora o leitor tem em mãos. O interesse em divulgar os resultados do seu trabalho para um público bem mais amplo do que os seus pares da academia levou o autor a modificar a estética do texto de doutoramento, configurando-o aos moldes de um livro, oferecendo-nos uma edição “mais enxuta”, sem prejuízo do conteúdo.

Tanto na tese quanto no livro, o objeto de estudo é o mesmo: as semânticas em torno do ideal-tipo, *Teoria da História*, e os diferentes modos pelos quais os historiadores engendraram suas teorias. Para dar conta do seu campo da reflexão, Itamar Freitas percorreu um vasto número de “manuais de Teoria da História”, abrangendo um período que vai do último terço do século XIX ao primeiro terço do século XX. Só historiadores muito inquietos em relação aos limites teóricos do seu

campo poderiam realizar tamanha pesquisa, demonstrando erudição e conhecimento seguro das fontes trabalhadas. Itamar Freitas é um desses historiadores com habilidade, preparo e certa coragem para levar esse empreendimento adiante.

Ao percorrer as páginas deste livro, que já nasceu relevante, o(a) leitor(a) se deparará com resultados impressionantes e que contribuem significativamente para a reflexão da Teoria da História. Gostaria de ressaltar, pelo menos, três.

Primeiro, o resultado da pesquisa aponta para a necessidade de se rever os esquematismos tão comuns e bastante disseminados nas aulas e nos manuais contemporâneos de Teoria da História. Decerto, há, sobretudo, no Brasil, uma forte tendência de se tipificar as *Teorias da História*, especialmente quando se trata do século XIX, nomeando-as como positivismo e/ou historicismo. O livro de Itamar Freitas chama a atenção para a impropriedade dessa constatação, uma vez que há um descompasso entre o que as *Teorias da História* realizavam e o que os historiadores da historiografia afirmam que elas realizavam: historicismo e positivismo.

Segundo, o livro rompe com outro lugar-comum, qual seja, de que todos os “manuais de Teoria da História” do século XIX e início do XX tinham como objetivo produzir discursos para legitimar o conhecimento histórico enquanto uma ciência. A pesquisa realizada por Itamar Freitas demonstra que, em termos de finalidade, apenas uma parte dos historiadores, no período estudado, mostrou-se imbuída dessa meta. Isso significa dizer que os escritores dos “manuais” estavam ocupados com outros objetivos quando produziram suas teorias da História.

Terceiro e a meu ver, a contribuição mais importante do livro: compreender a Teoria da História como arranjo lógico-textual, em outras palavras, como tipo-ideal. No mundo acadêmico, algumas vezes, somos treinados a pensar a Teoria da História quase como um ente metafísico, ou melhor, meta-histórico. Em alguns espaços, posicionamos a Teoria da História até como um coletivo-singular, como uma semântica

unívoca, que ora serve para expressar uma dada maneira de se pensar e de se fazer história em um determinado tempo, ora como uma proposta filosófica – como um saber que, por muito tempo, pelo menos no caso brasileiro, não poderia interessar aos historiadores, já que refletia apenas a sua natureza epistemológica. Itamar Freitas desnaturaliza essas (e outras) compreensões (imprecisas e/ou equivocadas) em torno da Teoria da História, evidenciando a sua pluralidade semântica. A partir da sua análise cuidadosa, o autor demonstra como os escritores dos “manuais”, produzidos no período 1870-1930, lançaram mão de maneiras distintas – isso não significa dizer que não havia lugares comuns entre eles – de expressar e significar o ideal-tipo, Teoria da História.

Ter problematizado os limites do significado da Teoria da História, levando à exaustão a sua historicidade, para compreender o que fazemos, quando fazemos Teoria da História, é a maior contribuição do livro de Itamar Freitas para os estudos historiográficos, tanto no Brasil quanto no exterior. Sem sombra de dúvidas, *Teorias da História* é uma leitura obrigatória para todos(as) aqueles(as) que fazem do saber histórico um objeto de estudo. Boa leitura!

Bruno Balbino Aires da Costa

Doutor em História e professor do Instituto de Educação,
Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)



CONCLUSÕES

Para finalizar essa longa análise dos discursos sobre “Teoria da História”, façamos antes um exercício de rememoração sobre o nosso passado recente: o que os nossos contemporâneos produtores de livros-tese e de coletâneas sobre a matéria querem significar com o emprego dessa categoria? A resposta aponta dispersão. Teoria da história é concebida como uma hipótese ou uma proposta de intervenção sobre os fatores e a mudança na experiência de determinado país ou do mundo;¹ um tipo-ideal que viabiliza a análise da obra histórica;² uma disciplina universitária fundamental à formação do profissional de História;³ um campo de estudos sobre a realidade e o pensamento histórico e o uso que as pessoas fazem do seu passado;⁴ e uma ciência sobre a Ciência da História.⁵

Essa dispersão aumenta quando questionamos aos estudiosos de Teoria da História sobre **as coisas** que privilegiam. Eles respondem: conceitos, matrizes, temas, questões, objetos, regras de pesquisa, métodos, critérios de validação, critérios de cientificidade, formas de representação, funções da história na vida prática, pensamento sobre o domínio,⁶

¹ Zhao (2015, p.29); Heller ([1981] 1993, p.337-339).

² White (1975, p.18).

³ Rodrigues (1969, p.440, p.444).

⁴ Paul (2015, p.14).

⁵ Rüsen (2015, p.31-32).

⁶ Megil (2013). Megil compreende teoria da história como o “pensamento sobre a história” (p.12), configurado a partir de questões e desafios: a crítica ao progresso e as novas orientações sobre o método histórico (positivismo) (p.15-16), a da natureza

especulação sobre o processo histórico, história da Historiografia e relação da História com outros domínios.

Em alguns casos, esses objetos reinam sozinhos, como métodos,⁷ princípios ou fundamentos que constituem “a problemática epistemológica da História.”⁸ Também isolados ou agrupados, no mesmo campo semântico, são referidos os conceitos, as concepções, as ideias ou matrizes,⁹ em oposição ao “empirismo rústico”,¹⁰ às “técnicas”,¹¹ à “Filosofia da História, à Epistemologia e à Metodologia”¹² ou associados aos domínios da Epistemologia, Lógica ou Ética.¹³ Na maioria das iniciativas, entretanto, formam díades e tríades, explicitando novos domínios e revelando o caráter compósito da coisa designada. Assim, Teoria da História é realizada mediante conceitos/temas,¹⁴ conceitos/história da historiografia,¹⁵ método/temas, método/premissas,¹⁶ especulação sobre o processo histórico/função na vida prática,¹⁷ desafios/relação com outros domínios/estabelecimento de fronteiras,¹⁸ critérios de cientificidade/objetos/problemas¹⁹ e recursos de Erudição/Filosofia/Literatura.²⁰ Os textos que excedem a três objetos assumem os modelos e as matrizes como configuradores da Teoria da História. Esse é o caso muito particular de H.

da disciplina e a singularidade do método histórico (p. 20, p.25) e a crise da “grande narrativa” (Megil, 2013, p.25).

⁷ Método dialético, método genealógico e método hermenêutico em sequência. (Reis, 2011, p.23; p.25).

⁸ Rüdger (1991, p.11).

⁹ Vainfas (2010, p.7-9); Lopes (2007, p.16-17).

¹⁰ Fico (2000, p.36-37).

¹¹ Guazzelli (2000, p.11).

¹² Malerba (2010, p.11).

¹³ Reis (2012, p.14); Wehling (1994, p.98-99, p.101).

¹⁴ Em composições como temas/ideias e temas/questões. (Malerba,1996, p.14; Lopes; Munhoz, 2010, p.11-12).

¹⁵ Dosse ([2010] 2012, p.2).

¹⁶ Koselleck (2006, p.112-115); Bentivoglio; Avelar (2016, p.8-9).

¹⁷ Martins (2010, p.8-10).

¹⁸ Vasconcelos (2005, p.25, p.235-136).

¹⁹ Silva (1976, p.8, p.10, p.15).

²⁰ Dosse (2010, p.21).

White,²¹ que apresenta uma matriz para a obra histórica e outra correlata para a concepção de história dos autores analisados. São também os casos de J. Rüsen²² e de W. Blanke,²³ que partem das ideias de “revolução científica” e “paradigma”, de T. Kuhn, e montam conjuntos semelhantes de objetos para a Teoria da História.

Isso é o que conhecemos sobre a matéria no nosso tempo. Mas, o que os escritores de manuais quiseram significar com o emprego de Teoria da História,²⁴ no período que vai do último terço do século XIX

²¹ O objeto da teoria é a “estrutura típico-ideal da obra histórica” (p. 20). Toda obra histórica é estruturada em níveis de conceptualização (crônica, estória, modo de elaboração de enredo, modo de argumentação e modo de implicação ideológica) no relacionamento entre dois fatos para responder “o que aconteceu?”, “como:” e “por que aconteceu?” Quanto o historiador trabalha com a “estória” concluída ou relaciona “estórias”, buscando responder “o que significa isso?” ele é enquadrável em três possibilidades: os tipos de elaboração de enredo (tragédia, comédia...), a argumentação nomológica e a implicação ideológica. (White, 1975, p.121-23).

²² Na última versão portuguesa da sua *Teoria da História*, Rüsen define a expressão como uma ciência sobre a ciência da história – uma metateoria (em alemão é *Historik* e, em língua inglesa, é *metahistory*). “Teorias são formas de saber com um alto grau de generalização enquanto proposições de fatos particulares” (p.31). Para Rüsen, o historiador faz história, e o teórico da história diz como se faz história. (p.32). Essa versão apresenta ligeiras modificações em relação aos modelos empregados por Blanke e ao que empregou, junto a Blanke e Feischer, em 1984: carências/perspectiva de interpretação/conteúdos experienciais/forma historiográfica/motivação para a ação. (Rüsen, 2015, p.31-36).

²³ *Historik* é o gênero de teoria da História. O termo indica «as reflexões que os historiadores fazem acerca da escrita da história, pesquisa da história e [história da] historiografia». (p.331). Droysen é um modelo exemplar do gênero. Os livros de *Historik* de Chladenius, Gervinus, Burchardt e Droysen (de teoria da História) “explicam sistematicamente os princípios metodológicos da pesquisa histórica; discutem a singularidade e função da historiografia; definem seu assunto, a história e assim por diante.” Blanke classifica os livros de *Historik* em tradições: “humanístico-retórica”, “auxiliar enciclopédica”, “histórico-filosófica” e “epistemológica ou histórica”. (Blancke; Fleischer; Rüsen, 1984, p. 335-336, p.339-340). Uma década depois, Blanke publicou sua tese de doutorado, onde expôs o modelo analítico de Teoria (que significa, consequentemente, a sua ideia de teoria): matriz disciplinar. Essa categoria, identificadora de uma obra de *Historik*, é composta por cinco elementos: função de orientação, interesse, teoria, método e forma de representação. (Blancke, 1991, p.29, p.37).

²⁴ Retomando a definição operatória inicial, compreendamos teorias da História como arranjos lógico-textuais (tipo ideal) estruturados em proposições que reúnem os elementos “objeto”, “método” e “finalidades” predicados como “de História”, constituídos para legitimar determinados grupos de operações e de tipificar determinados domínios como “ciência”.

ao primeiro terço do século XX? Após a exposição dos discursos produzidos nesse tempo, é difícil não notar a semelhança na dispersão interna da configuração dos objetos e de estruturas de exposição de Teoria da História, no passado distante e no passado recente, mesmo considerando a institucionalização da Teoria da História, hoje, configurada como domínio de pesquisa, disciplina acadêmica e objeto exclusivo de Revistas, Associações e de congressos científicos (algo não generalizado na passagem do século XIX para o século XX).

Sendo bem sensatos, deveríamos (mesmo hoje) conceber “teoria da História” apenas como reflexões sobre o “que *fabrica o historiador quando faz história*.”²⁵ Contudo, tentando fugir à incômoda imprecisão dessa definição, vamos sedimentando proposições que convergem para um uma espécie de senso comum de que a Teoria da História é algo que completa 150 anos: “a Teoria da História é objeto disciplinar da formação de historiadores, desde que os cursos de licenciatura em História foram instituídos na Europa e nas Américas”; “a Teoria da História nasce em meados do século XIX, quando os historiadores desenvolvem sistematicamente a reflexão sobre a natureza do seu domínio”; “as teorias da História são originárias da Alemanha e da França”; “as teorias da História são um gênero designado pela palavra *Historik*”; “as teorias da História foram codificadas em tratados epistêmicos”; e, ainda, “a Teoria da História legitima a Ciência da História mediante a exclusão de domínios como a Retórica, a Filosofia e a Sociologia”.

Para fazer frente a esse senso comum (e para minimizar o estranhamento provocado pelas semelhanças entre objetos e configurações de discursos sobre o tema, no passado e no presente), comentemos as operações de que os escritores, recorrentemente, lançaram mão para significar Teoria da História e os resultados aos quais chegaram.

²⁵ De Certeau (1982, p.65). Grifos do autor. Ou, como afirma Rüsen, o discurso do como se faz História. (Rüsen, 2015, p.32).

Por óbvio, os termos empregados para designar tais arranjos variaram, assim como variaram os jogos de empréstimos que envolveram os discursos inventores de domínios.²⁶ Cada escritor propôs uma expressão, significada (e diferenciada) pelo agrupamento de domínios para criar a sua teoria, operando por exclusão, adoção ou modificação.

Certamente, encontramos outras iniciativas de composição, com a estratégia de desqualificar os discursos tomados como adversários (dominantemente os das Ciências Naturais), aproximando-os das insuficiências dos princípios e práticas pensados (por cada escritor) como inerentes ao trabalho do historiador.²⁷ Outra micro-estratégia de com-

²⁶ Droysen produziu uma *Historik* (expressão vernacular), desejando fazer um *órganon* (expressão latina para instrumento) destinado à pesquisa e a validação do conhecimento científico, em predominante oposição à Teoria do Conhecimento de Buckle e à *Historik* de Gervinus (que, por sua vez, significava teoria da ciência e da arte). Bernheim preferiu intitular sua teoria como “método histórico”, acusando Droysen de descurar das operações analíticas, e incluindo formalmente a Filosofia Especulativa da História como elemento da sua Teoria. Seignobos também optou por designar sua teoria como “método histórico” (e, depois, como método documentário), reprovando o detalhismo antiquário e os laivos metafísicos de Bernheim. Collingwood, por seu turno, não se opunha à locução “Filosofia da História”, com a qual designou suas aulas, mas significava essa expressão como Lógica do conhecimento histórico (contraposta à lógica silogística aristotélica) ao contrário de discurso sobre o processo histórico. O mesmo fez Berr, quinze anos antes, afastando-se da história “historizante” e da história especulativa, embora tenha optado por “Doutrina” e “Lógica” e “Teoria”, em lugar de Filosofia da História. Xenopol, Letelier e Teggart assumiram a expressão “teoria” por motivos antagônicos. O primeiro se afastava da teoria do conhecimento das Ciências Naturais, enquanto o segundo e terceiro faziam o caminho inverso: combatiam História limitada à heurística, à crítica e à narrativa. Lamprecht e Paul completaram a variação. Lamprecht significou teoria como visão do (ou modo de ver o) processo (interpretado adiante como método) e Paul, despreocupado com o processo (já que estava focado na língua) sugeriu “Teorias gerais das ciências Históricas.

²⁷ Os argumentos de Seignobos e de Monod foram bons exemplos. O primeiro demonstrou a impossibilidade de os praticantes da Astronomia observarem um cometa instantaneamente, já que a dinâmica do fenômeno, por si só, implicava uma série de acontecimentos, ou seja, sequência temporal (o que igualava a observação desse cientista natural, de certo modo, à observação indireta, típica dos historiadores). Partindo de autocríticas de teóricos do conhecimento das matemáticas, Monod também demonstrou que a exatidão pregada pelos praticantes das Ciências Físico-Naturais não passava de proposição temporal – uma hipótese provisória (característica idêntica à natureza da verdade colhida pelos historiadores).

por discursos foi ceder, temporariamente, aos argumentos dos adversários, inventando categorias ou procedimentos correlatos aos que fundamentavam as teorias do conhecimento de prestígio dominante. Vimos, por exemplo, que os escritores criaram um substituto à (buscada ou a aplicada) “lei” que, na teoria do conhecimento comteana (em várias interpretações das Ciências Naturais), era condição para a elevação de determinado conhecimento ao *status* de ciência em seu significado dominante: ciência é conhecimento do geral.²⁸ Esses casos de comparação depreciativa ou invenção de substitutivos correlatos eram apenas (como afirmamos) micro operações, presentes em discursos de apoio, adoção ou recusa. Impactantes e generalizadas foram as reclamações sobre o emprego unilateral de finalidades, métodos, objetos, por exemplo, da Filosofia da História (como fizeram Droysen e Villari), da Biologia (Paul e Teggart), da Filologia (Bernheim) e da Sociologia (Letelier). Quem assim agiu, ressignificou categorias-chave ou modificou o alcance dos domínios criticados.²⁹

A simples exclusão era outra operação comum. Ela foi empregada por escala³⁰ e de forma tópica.³¹ A composição, por fim, foi a operação predominante em contrapartida à adoção unilateral de um domínio prestigiado, de modo geral, pela burocracia estatal (Biologia, Física e

²⁸ Assim procederam Droysen, Seignobos, Xenopol e Monod, com o emprego das respectivas categorias “poderes éticos”, “fórmulas gerais”, “séries” e “generalizações históricas limitadas a uma época ou país”.

²⁹ Foi o caso, por exemplo, de Teggart que, ao caracterizar o objeto (o processo), substituiu a linearidade do progresso prescrita pela Filosofia especulativa da História (ao modo hegeliano) pelo irregular avanço das variáveis de persuasão (ciência, arte e religião) sobre as variáveis do constrangimento (força militar). Foram também os casos de Bernheim – que ampliou o alcance da teoria hermenêutica (de Boeck) para aplicá-la à pesquisa histórica nas operações de método – e de Villari, que (também anunciando métodos) condenou o emprego de orientações mecanicistas (comtianas) na interpretação dos fenômenos éticos e estéticos (religiosos e artísticos).

³⁰ A exemplo do que ocorreu na Teoria de Berr, que recusou os pressupostos e os modos de expressão da História Literária, da Filosofia da História e da Teoria do Conhecimento das Ciências Naturais como fundamentadores da sua síntese científica.

³¹ Como fez Collingwood ao descartar a Lógica de Aritóteles em sua metodologia para a História.

Química, por exemplo, geradoras de tecnologia e capital) ou no interior de Faculdades de Filosofia (como os respeitadíssimos estudos Filológicos sobre a Antiguidade).³²

Tais composições são testemunhos de que os escritores, efetivamente, construíram seus textos a partir dos resultados das suas pesquisas (sobre o mundo contemporâneo, nos casos de Droysen e Letelier, o mundo medieval, no caso de Bernheim), dos artigos colhidos em revistas especializadas, dos relatórios de atividades governamentais, das introduções metodológicas de trabalhos monográficos e, principalmente, dos textos (conjuntos de proposições) que circulavam como compilações representativas de diferentes domínios, dos quais o escritor não possuía familiaridade. Isso significa reconhecer que o singular-coletivo “História” não foi inventado “ciência” (na emergência das Teorias), mediante emprego de discursos puros de tese-monografia ou sistema-obra autoral ou adotiva. Foram também erigidos sobre discursos veiculados em obras compendiadas e até manuais de emprego nas escolas secundárias (a exemplo de manuais de Filosofia e Filologia). O singular-coletivo “História” também não foi inventado “ciência”, mediante a exclusão de determinados domínios puros (unitários e unívocos), como Filosofia ou Retórica, Sociologia, Filologia, entre outros, pois, como vimos, estes entraram e saíram das teorias ao sabor dos interesses e das situações comunicativas.

Compreender essas composições significa também aceitar que tais domínios eram agrupados de modo assimétrico³³ – em um discurso e entre discursos sobre Teoria da História –, em termos de prestígio, tempo de existência e natureza das teses. Alguns domínios

³² Essa foi a atitude de Droysen (que reuniu Filosofia da História, Crítica Histórica e Retórica), de Letelier (práticas antiquárias designadas como ciências auxiliares e teoria do conhecimento das Ciências Naturais), de Monod (Filosofia da História – como Sociologia e História Filosófica – e Crítica de Fontes) e de Xenopol (Crítica de Fontes e História Política).

³³ A proposição de um filósofo valeria mais que o conjunto de artigos de uma revista.

incluídos eram bem recentes, como as introduções metodológicas e os artigos sobre Sociologia pós A. Comte. Outros, já bastante conhecidos em vários países, estavam fundamentados em manuais de “ciências auxiliares”, como a Genealogia, a Arqueologia ou as diferentes modalidades de Hermenêutica. Os domínios constituídos em torno de sistemas filosóficos (Filosofia Especulativa da História) que atravessavam todo o currículo de uma formação e, ainda, os domínios subsistentes em cátedras universitárias, por exemplo, diferiam também acerca das teses.³⁴

³⁴ Quando Lamprecht e Paul requisitaram a Psicologia Experimental como ciência elementar para a Ciência Histórica eles estavam, respectivamente, incluindo e excluindo W. Wundt, cujas teses serviam como suporte para Lamprecht e alvo de contestação de Paul (que era concorrente de Wundt). Nesse exemplo, já temos dois níveis de diferenciação: Psicologia poderia ser metafísica ou experimental. O experimental aplicado à pesquisa histórica poderia significar proposição de práticas da Hermenêutica para a pesquisa histórica ou submissão da própria pesquisa histórica aos procedimentos das Ciências Naturais. Quando Letelier e Teggart se apropriaram das Ciências Naturais para a legitimação científica dos estudos sobre o passado humano, eles estavam adaptando noções diferentes de teoria do conhecimento. Eles baseavam-se, respectivamente, em proposições de Comte (as análises sob o ponto de vista dinâmico e estático, que fundamentavam Sociologias) e de Darwin (as operações de nomear, classificar, conjecturar, comparar e inferir, que fundamentavam Biologias). Quando Bernheim e Langlois e Seignobos excluíam a Filosofia da História de suas Teorias da História, eles estavam se referindo a especulações de diferente natureza. Para Bernheim, eram inservíveis as proposições do positivismo-naturalismo de Comte, Buckle e De Bois-Reymond e do idealismo de Kant, continuado e aperfeiçoado por Hegel. Para Langlois e Seignobos, a Filosofia da História de Comte também não servia como base à Teoria da História. Mas era, sobretudo, o tipo de apropriação efetuada pelos compatriotas Bouchez e Taine (e não a do inglês Buckle e do cientista natural alemão De Bois-Reymond). Além dessa variedade de comtismo, Langlois e Seignobos reprovavam a Filosofia da História de base providencialista (de certo modo, aceita por Bernheim, ao incorporar o mecanicismo de Herder e de Lotze). Quando esses mesmos críticos Bernheim, Langlois e Seignobos e os que subscreviam as teses do Comte objetivista do *Plano* e do *Curso*, como Letelier e Villari, se referiam à ciência “positiva” ou ao “positivismo”, eles estavam, em geral, mirando diferentes proposições, como a lei dos três estados, a classificação das ciências ou as práticas de indução, generalização e previsão. Quando, por fim, mencionavam o “idealismo” de Hegel estavam a abonar ou criticar o método dialético, a ideia de progresso e ou a simultaneidade do ser e do vir a ser.

Vemos, então, que as teorias foram discursos compósitos de domínios também compósitos, interpretáveis como **homólogos** em várias situações. Domínios, designados como Filosofia da História, Sociologia, Crítica de Fontes, Arte Retórica foram, evidentemente, empregados como antônimos, mas também como **sinônimos**. É o que percebemos quando prosseguimos a análise ao nível das proposições básicas de cada texto. Essas constatações nos levam, conseqüentemente, a contestar as proposições sobre a existência de duas ou três teorias da História, ao final do século XIX e, até de negar a existência de uma História singular-coletivo, supostamente estruturada por inclusões e exclusões de idênticos domínios em diferentes universidades da Europa (para ficarmos com os exemplos mais férteis e prestigiados). Isso não significa, contudo, negar identidades em todos os níveis. Algumas aproximações são percebidas ao examinar os elementos típicos constituidores dessas teorias, sobretudo em termos de finalidades, objetos e métodos predicados como históricos.

Os resultados sobre as finalidades nos surpreenderam: apenas um terço dos escritores produziu teorias como discursos exclusivamente legitimadores do conhecimento sobre o passado como uma “ciência” da História. Essa meta para a Teoria da História estava explícita em Droysen, Bernheim, Villari, Xenopol, Langlois e Seignobos. Dizemos “meta explícita” porque escritores, como Lastaria e Teggart diferenciavam “atitude científica” (o trabalho regrado, não raro, desprovido de ambições metafísicas) e “ciência” (termo expresso no sentido aristotélico-comteano, atribuído à “Sociologia” e aos estudos “do Homem”). Assim classificando, eles concebiam “ciência” como o conhecimento do geral. Outro terço de escritores concebia “História” como domínio entrelaçado à Filosofia (Collingwood) ou inventava uma teoria para vários domínios históricos (Ciências Históricas e não “a” Ciência Histórica), em lugar de zelar apenas pela legitimidade do domínio caracterizado pelo estudo das relações de poder (História Política) que, geralmente, era assumido como conhecimento sobre um genérico “particular”. Nos demais escritores, predominava a

preocupação com o “processo histórico” – em muitas situações, designado como estudo de Filosofia especulativa da História.³⁵

Essa ênfase no processo não significava que os escritores desprezassem a discussão sobre a racionalidade do conhecimento histórico ou o *status* de ciência para a o estudo sobre o processo – tampouco que os estudiosos mais interessados nos problemas da ciência fossem insensíveis às questões sobre o processo. Nesse sentido, o problema era muito mais de ênfase – de serem tornadas implícitas ou explícitas como metas primeiras de suas Teorias da História. Todos especularam sobre a coisa a examinar. Todos, obrigatoriamente, foram instados a configurar os objetos de suas teorias, revelando suas compreensões do mundo e/ou da realidade sob caracteres monistas ou dualistas, mais ou menos atreladas à teoria do conhecimento de Kant, mais ou menos próximas às soluções (kantianas) seguidas por Comte ou por Hegel.³⁶

A maioria, por outro lado, independentemente de estar, ou não, associada a teorias do conhecimento orientadoras das ciências naturais, circunscreveu e distinguiu seus objetos em díades: “mundo físico *vs.* mundo psíquico” (Bernheim, Langlois e Seignobos, Lastaria), “mundo de seres racionais *vs.* mundo de seres irracionais” (Teggart), “natureza *vs.* humanidade” (Monod), “natureza *vs.* história” (Droysen), “coisas reais *vs.* coisas ideais” (Xenopol). Mesmo quando partilhavam um elemento

³⁵ O que motivava a H. Berr, por exemplo, era o determinante da mudança (contingência, vontade ou necessidade lógica?). Para Monod, era a descoberta das causas e dos nexos entre os estados de civilização. Para Teggart, era a razão da mudança e da diferenciação entre os povos, enquanto para Lamprecht, a Teoria se justificava pelo empenho na descoberta das regularidades do desenvolvimento humano.

³⁶ As atitudes explícitas são ilustráveis com as crenças de Droysen, Berr e Collingwood. Os três apresentaram proposições correlatas, compreendendo realidade – passada, presente ou passada-presente e presente-futura – como invenção do pensamento. Foi o que indicaram, respectivamente, as teses de que “pensar é existir”, “conhecer é pensar a realidade” e “representar é tornar real”.

qualquer dessas dicotomias (o mundo psíquico – e a Psicologia, por exemplo), os escritores o entendiam de modo diverso.³⁷

Essas defesas ideológicas, como percebemos, se entrecruzavam com os diferentes modos de compreender a capacidade racional de conhecer e de classificar os conhecimentos, sem que um fator se sobrepujasse sobre os demais de modo generalizado (sem que fosse gerado um padrão entre teorias). Cada situação comunicativa dava origem a uma configuração teórica. Assim, em termos de modos de cumprir a meta, ou seja, na prescrição de métodos ou de metodologia, foi bem mais clara a identificação de monistas e pluralistas.³⁸ A maioria, contudo, foi pluralista, situando métodos para dentro e para fora dos domínios históricos ou anunciando como históricos os métodos importados junto aos domínios requisitados para a construção das suas teorias.³⁹

³⁷ Foram, por exemplo, os casos de Lamprecht e de Bernheim que defenderam a Psicologia como domínio básico para o conhecimento sobre o passado, dado o papel determinante do psiquismo em suas buscas pela dinâmica do processo histórico. Ocorre que Lamprecht – talvez orientado pela compreensão de ciência como conhecimento do geral e da classe e da função econômica como agentes significativos na mudança – defendia um mundo psíquico de caráter coletivo, enquanto Bernheim (e, também, Lastarria e Seignobos – crentes na ação modificadora de determinados indivíduos) optava(m) pela determinação psíquica individual-pessoal sobre o processo.

³⁸ Lamprecht, Letelier, Teggart e Paul defenderam a unidade metodológica, ainda que em diferentes graus e com particulares insuficiências. Lamprecht pregou o caráter nomotético da História em distintas nuances: da nebulosa de Laplace à função econômica de Marx. Teggart referiu-se à existência de “um” único método científico partilhado por Bacon e Darwin, reduzindo ao máximo possíveis contradições entre os dois representantes dessa unicidade. Letelier se referiu à adoção do método da Sociologia (de Comte), mas qual Comte e qual Sociologia (como questionaria, particularmente, Littré)? Os três diferenciavam-se pela ênfase no vir a ser (Teggart, Lamprecht) e, simultaneamente, no ser e no vir a ser (Letelier).

³⁹ Identificamos essas práticas, por exemplo, em Droysen, Bernheim, Monod e Xenopol, que, unisonamente, reconheceram as operações de indução (geradoras de leis) como método das Ciências Naturais, mas que discordaram sobre a natureza das operações que caracterizariam o conhecimento sobre o passado como científico ou como ciência. Para Droysen, era crítica e interpretação – respectivamente, importados do antiquariado e da Filosofia da História; para Bernheim, a crítica (antiquariado) e a concepção (Filosofia da História); para Monod, a crítica (antiquariado) e as generalizações históricas (Filosofia da História); e, para Xenopol, a crítica e interpretação dos fatos (ambos copiados das práticas do antiquariado).

Limitados à amostra descrita e aos termos do nosso tipo ideal, podemos concluir, por fim, que cada exemplar de Teoria da História, entre o último terço do século XIX e o primeiro terço do século XX, reunia um conjunto de proposições ordenadas para resolver problemas localizados, expressando uma relação entre propósitos, objetos e métodos. Teorias não eram consideradas, em si mesmas (e como totalidade), historicistas ou positivistas (como afirmam os manuais do nosso tempo), alemãs ou francesas (como afirmou o manual de Xenopol), metafísicas ou epistemológicas (como ouvimos em nossos cursos de Teoria).

Se quisermos reduzi-las a uma categoria, é mais seguro voltar às fontes, escolher uma dimensão das situações comunicativas e afirmar, por exemplo (além das várias possibilidades anunciadas ao longo desse livro) que, sob o ponto de vista do objeto (passado), no que diz respeito aos fatores e ao explicador da mudança temporal, as teorias da História assumiram a “filosofia do humanismo” (como a Teoria de Bernheim) ou o comtismo da Lei dos três estados (Letelier).

Sob o ponto de vista das demandas individuais acadêmicas imediatas, as teorias da História assumiram a tarefa de produzir uma lógica (metodologia pura) para ciência Histórica (Collingwood) e, também, estabelecer novos regramentos para a interpretação da História Mundial (Lamprecht) ou da História da Humanidade (Teggart).

Sob o ponto de vista das demandas de apelo social – formação de pessoas e orientação da vida prática –, as teorias da História foram criadas para desenvolver os valores democráticos e de respeito à diversidade nas escolas secundárias parisienses (Seignobos), colaborar com a efetivação de um forte estado-nacional na elite letrada prussiana (Droysen), ou produzir as técnicas da Política e da Pedagogia para o melhoramento social na Alemanha (Paul).

O problema da classificação, mais uma vez, é de ênfase, e a saída a evitar é a unilateralidade da escala (macro). Se nos afastarmos das proposições básicas de cada Teoria, pondo os olhos nos objetos, por exemplo – como sugerimos nesse exercício de experimentação do passado, efetuado entre o primeiro e o segundo parágrafo desta conclusão

–, perceberemos que os teóricos da História enfrentam os mesmos macro-problemas há 150 anos: a natureza de uma suposta capacidade humana de conhecer, as definições de realidade e de conhecimento sobre a realidade.⁴⁰

Apenas, recentemente, a relevância desses temas tem sido problematizada, sobretudo com as incipientes tentativas de historicização das ciências a partir de perspectivas não antropologizantes.⁴¹ Sem esse exercício de alternância de escalas – permanecendo apenas em dimensão macro e desprezando as situações comunicativas –, dificilmente poderemos formular juízos sobre Teoria da História em termos transnacionais diacrônicos para o período em análise – como teses sobre transnacionalização do método ou expansão do “modelo alemão” ou “modelo francês” de historiografia.

Em perspectiva sincrônica, a dificuldade ainda é maior. Os exemplos bem sucedidos de tipos ideais para o exame de iniciativas que tomam distância da transposição de modelos são de caráter nacional e, portanto, inadequados ao exame em escala continental ou mundial, por exemplo, quando importados integralmente.⁴² Os tipos, apesar de construtos intelectuais, sabemos bem, são elaborados com elementos

⁴⁰ É curioso, por exemplo, que as definições de dois professores de Teoria da História e, também, produtores de manuais sobre a matéria sejam tão semelhantes, apesar da distância temporal e cultural que os separa: José Honório Rodrigues, então professor do Instituto Rio Branco, em 1969, e Herman Paul, professor da Universidade de Leiden (Holanda), em 2015. O que difere nos dois enunciados dos dois escritores é a preocupação de Paul com os usos que as pessoas fazem do passado (Paul, 2015, p.14). No restante, são as questões do processo e do conhecimento sobre o processo que predominam: “Os problemas da interpretação do processo histórico, da natureza do conhecimento histórico, das explicações, das leis, das relações da história e das ciências sociais, dos problemas da convicção histórica, do julgamento histórico, da aceitação ou não da causalidade, entendida em termos físicos, das definições conceituais de fenômenos históricos gerais, constituem a temática da teoria da história como disciplina universitária.” (Rodrigues, 1969, p.144).

⁴¹ Ver, sobre o tema, o recente trabalho de Victor Nascimento (2016) que recupera a possibilidade por meio da análise de parte da obra de Michel Foucault.

⁴² As teses de C. Charbonell e de W. Blanke (teoria iluminista, historicista e da ciência social), respectivamente, sobre a França e a Alemanha, são inadequados ao exame em escala continental ou mundial, por exemplo, quando exportados integralmente. Do mesmo modo, são inadequados ao exame do nacional, quando transpostos da Alemanha, da França ou dos Estados Unidos para o Brasil. É algo óbvio, mas necessário

da experiência a ser analisada. Se quisermos, por exemplo, examinar as mudanças em termos de Teoria da História – sempre em significado ideal-típico –,⁴³ teremos que considerar os elementos do lugar – dos domínios, das comunidades linguageiras etc.⁴⁴ Desprezando-os, correremos sempre o risco de concluir, pejorativamente, que os escritores brasileiros foram “eccléticos”, “compiladores” ou usuários de “literatura de segunda classe” – quando encontramos, exatamente, ainda que não consideremos negativamente, essas mesmas características em muitos clássicos textos estrangeiros.

O que declaramos, finalmente, é que não mais podemos escrever (sem maiores esclarecimentos) que “a” Teoria da História nasceu (consolidou-se ou foi estabelecida etc.) na passagem do século XVIII para o XIX; que a Teoria da História é produto intelectual apenas de alemães e franceses, que delimita um espaço (constrói uma identidade) para a História a partir da efetiva exclusão de domínios puros, como a Filosofia da História metafísica ou a Lógica realista das Ciências Naturais. Ao pensar a experiência brasileira, sob os termos desta proposta minimalista, é possível que enterremos de vez o “complexo de vira-lata” expresso nas histórias da historiografia nacional.

repetir.

⁴³ A exemplo do que fez D. Lingelbach (2011a; 2011b), quando examinou “Profissionalização” e “Institucionalização” entre França, Alemanha e Estados Unidos.

⁴⁴ Para o caso brasileiro, por exemplo, com os discursos de Silvio Romero, Capistrano de Abreu, Euclides da Cunha.

REFERÊNCIAS

A

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

ARAUJO, Valdei; CEZAR, Temístocles. The forms of history in the nineteenth century: the regimes of autonomy in Brazilian historiography. *Historein*, v. 17, n. 1, 2010. Disponível em < <https://ejournals.epublishing.ekt.gr/index.php/historein/article/view/8812> > Capturado em 4 mar. 2018.

ARON, R. *Introduction à la philosophie de l'histoire*. Essai sur une théorie allemande de l'histoire. Paris: Gallimard, 1981.

ASSIS, Arthur Alfaix. *What is history for? Johann Gustav Droysen and the functions of historiography*. New York: Berghahn, 2014a.

ASSIS, Arthur Alfaix: A didática da história de J. G. Droysen: constituição e atualidade. *Revista Tempo*, v.20, p.1-18, 2014b.

AULETE DIGITAL. *Dicionário Caldas Aulete*. [1980] (verbete original). Disponível em <<http://www.aulete.com.br/teoria>> Capturado em 01 fev. 2020.

B

BACON, Francis. *Novum Organum*. New York: P. F. Collier, 1902.

BARNES, Harry Elmer. *The New History and the Social Studies*. New York: The Century, 1925.

BAUR, Ferdinand Christian. *Geschichte der Christlichen Kirche*. 2ed. Tübingen: L. Rr. Fuss, 1863.

BEARD, Charles. Aquele sonho nobre. In: MALERBA, Jurandir (Org). *Lições de História: da história científica à crítica da razão metódica no limiar do século XX*. Rio de Janeiro: FGV; Porto Alegre: Editura da PUC/RS, 2013. p.338-353.

BECKER, Carl. O homem comum é seu próprio historiador. In.: MALERBA, Jurandir (Org). *Lições de História: da história científica à crítica da razão metódica*

no limiar do século XX. Rio de Janeiro: FGV; Porto Alegre: Editora da PUC/RS, 2013. p.367-384.

BENTIVOGLIO, Julio. Apresentação. In: DROYSEN, Johann Gustav. *Manual de teoria da história*. Petrópolis: Vozes, 2009. p.7-26.

BENTIVOGLIO, Julio; AVELAR, Alexandre de Sá. Prefácio. In: *Afirmção da história como ciência no século XX: De Arlette Farge a Robert Mandrou*. Petrópolis: Vozes, 2016. p.7-10.

BERNHEIM, Ernst. *Einleitung in die Geschichtswissenschaft*. Leipzig: B. I. B., 1907.

BERNHEIM, Ernst. *Geschichtsforschung und Geschichtsphilosophie*. Göttingen: Robert Peppmüller, 1880.

BERNHEIM, Ernst. La science historique moderne. *Revue de Synthèse Historique*, Paris, v.10-2, n. 29, p.125-139, avr. 1905.

BERNHEIM, Ernst. *Lehrbuch der Historischen Methode und der Geschichtsphilosophie*. Leipzig: Duncker & Humblot, 1903.

BERNHEIM, Ernst. *Lehrbuch der Historischen Methode und der Geschichtsphilosophie – Mit Nachweis der wichtigsten Quellen und Hilfsmittel zum Studium der Geschichte*. Leipzig: Duncker & Humblot, 190[8].

BERNHEIM, Ernst. *Lehrbuch der historischen Methode*. Leipzig: Duncker & Humblot, 1889.

BERR, Henri. De la méthode active pour établir la vérité. In: *L'avenir de la Philosophie. Esquisse d'une synthèse des connaissances fondée sur l'Histoire*. Paris: Hachette, 1899. p.303-442.

BERR, Henri. *L'Avenir de la Philosophie: Esquisse d'une synthèse des connaissances fondée sur l'histoire*. Paris: Hachette, 1909.

BERR, Henri. *L'Histoire traditionnelle et la Synthèse historique*. Paris: Félix Alcan, 1921.

BERR, Henri. *La Synthèse en Histoire. Essai critique et théorique*. Paris: Félix Alcan, 1911.

BLANCPAIN, Jean-Pierre. Francisation et francomanie em América latina: le cas du Chili au XIXe siècle. *Revue Historique*, [Paris], v.248, p.365-407, 1983.

BLANKE, Horst Walter. *Historiographie geschichte als Historik*. Stuttgart: Cannstatt, 1991.

BLANKE, Horst Walter; FLEISCHER, Dirk; RÜSEN, Jörn. Theory of history in historical lectures: the german tradition of Historik, 1750-1900. *History and Theory*, v. 23, n.3, p.331-356, 1984.

BLOCK, Anna. *Kulturwissenschaft und Naturwissenschaft? Ein Beitrag zur Debatte um die Geisteswissenschaft und Naturwissenschaft im 19. Jh. im Kontext der Darstellung von Heinrich Rickert*. [Sn]: Grinn, 2015.

BLUTEAU, Rafael. *Diccionario da Lingua Portuguesa* (Tomo Segundo – L/Z). Lisboa: Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

BONDI, Davide. La circolazione delle idee filosofiche. In: DEI, Adele (org.). *L'istituto di Studi Superiori e la cultura umanistica a Firenze*. Ospedaletto-Pisa: Pacini editore, [2016]. v.1. p.385-441.

BONDI, Davide. *La teoria della storia – Pasquale Villari e Antonio Labiola*. Milano: Unicopli, 2013.

BOUASSE, H. et. al. *De la Méthode dans les Sciences*. Paris: Felix Alcan, 1909.

BOURDET, Eugène. *Principes d'éducation positive*. 2ed. Paris: Germer Baillière, 1877.

BRADLEY, F. H. *The presuppositions of Critical History*. Oxford: James Parker, 1874; BUCHEZ, P. J. B. *Introduction a la science de l'histoire, ou science du développement de l'humanité*. Paris: Paulin, 1833.

BUCKLE, Henry Thomas. *History of civilization in England*. New York: D. Appleton, 1858.

BUCKLE, Henry Thomas. *History of civilization in England*. Toronto: Rose-Belford, 1878.

C

CALDAS, Pedro Spinola Pereira. *O que significa pensar historicamente: uma interpretação da teoria da história de Johann Gustav Droysen*. Rio de Janeiro, 2004. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

CANDLISH, Stewart; BASILE, Pierfrancesco. ZALTA, Edward N. (ed.). "Francis Herbert Bradley", *A Enciclopédia de Stanford da Filosofia* (Spring 2017 Edition). Disponível em <<https://plato.stanford.edu/archives/spr2017/entries/bradley/>> Consultado em 06 out. 2018.

CARBONELL, Charles-Oliveir. *Histoire et historiens: Une mutation ideologique des historiens français, 1865-1885*. Toulouse: Privat Editeur, 1976.

CHARAUDEAU, Patrick. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato de. *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFGM, 2004. Disponível em <<http://www.patrick-charaudeau.com/Visadas-discursivas-generos.html>> Capturado em 23 ago. 2017.

COELHO, F. Adolpho. *Diccionario Manual Etymologico da Lingua Portuguesa. (F-Z)*. Lisboa: Plantier, 1890. Disponível em <<https://archive.org/details/II.ADOLFOCOELHODICCIONARIOMANUALETYMOLOGICODALINGUAPORTUGUEZALETRASFZ/page/n525/mode/2up> > Capturado em 01 fev. 2020.

COLLINGWOOD, Robin Georg. *The idea of History – Revised edition with lectures 1826-1828*. Oxford: Oxford University Press, 1994.

COLLINGWOOD, Robin Georg. *The principles of history: and other writings in philosophy of history*. Sn.: Oxford University Press. 1939.

COLLINGWOOD, Robin Georg. *Theory of History*. By F. J. Teggart. *Journal of Philosophical Studies*, v.1, n.2, p.255-256, 1926.

COLLINGWOOD, Robin George. Conferencias sobre filosofia de la Historia (1926). In: *Idea de la Historia* - Edición revisada que incluye las conferencias de 1926-1928. 3ed. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.

COMTE, Auguste. *Cours de philosophie positive - Les préliminaires généraux et la philosophie mathématique*. Paris: Rouen Frères, 1830. t.1.

CONSTANCIO, Francisco Solano. *Novo Diccionario Critico e Etymologico da Lingua Portuguesa*. 9ed. Paris: Angelo Francisco Carneiro, 1808.

CORSI, Pietro. Biographical introduction. In: *Science and religion. Baden Powell and the Anglican debate 1800-1860*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p.3-9.

COURNOT, Antoine-Augustin. *Considérations sur la marche des idées dans les temps modernes*. Paris: Hachette, 1872.

CROCE, Benedetto. Les études relatives à la théorie de l'histoire em Italie, durant les quinze dernières années. *Revue de Synthèse Historique*, [Paris], v. 5, n. 15, p.257-269, 1902.

CROCE, Benedetto. *Storia della Storiografia italiana nel secolo decimonono*. Bari: Laterza & Figli, 1921. v.1.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

D

DA MATA, Sérgio. Heinrich Rickert e a fundamentação (axio)lógica do conhecimento histórico. *Vária História*, Belo Horizonte, v.22, n.36, p.347-367, jul./dez. 2006.

DASTON, Lorene. Objetividade e a fuga da perspectiva. In: ALMEIDA. *Historicidade e objetividade*. São Paulo: LiberArs, 2017. p.15-36. (Coletânea organizada

por Tiago Santos Almeida e traduzida por Derley Menezes Alves e Francine Iegelski).

DECCA, Edgar de; DECCA, Mauro de. Carl Becker. In.: MALERBA, Jurandir (Org). *Lições de História: da história científica à crítica da razão metódica no limiar do século XX*. Rio de Janeiro: FGV; Porto Alegre: Editora da PUC/RS, 2013. p.355-366.

DOSSE, François. *A história*. São Paulo: Editora da Unesp, 2012. [Primeira edição em francês - 2010].

DOSSE, François. História e historiadores no século XIX. In: MALERBA, Jurandir. *Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX*. Rio de Janeiro: Editora da FGV; Porto Alegre: EdPUC-RS, 2010. p.15-31.

DROYSEN, Johan Gustav. *Historik. Band 1: Rekonstruktion der ersten vollständigen Fassung der Vorlesungen (1857). Grundriss der Historik in der ersten handschriftlichen (1857/1858) und in der letzten gedruckten Fassung (1882)*. Stuttgart: Frommann-Holzboog, 1977.

DROYSEN, Johann Gustav. Arte e método – 1868. (Tradução e apresentação de Arthur Assis). In: MARTINS, Estevão de Rezende (org.). *A História pensada: teoria e método na Historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010. p.37-46.

DROYSEN, Johann Gustav. *Manual de Teoria da História*. Petrópolis: Vozes, 2009.

DURKHEIM, Émile. “Débat sur l’explication em histoire em sociologie”. *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, [Paris], n.8, 1909.

DURKIN, Philip. *The Oxford Guide to Etymology*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

DUSSEN, Jan van der. *History as a Science – The Philosophy of R. G. Collingwood*. Dordrecht: Springer, 2012.

DUSSEN, Jan van der. *Studies on Collingwood, History and civilization*. Heidelberg: Springer, 2016.

E

ESPAGNE, Michel. Wilhelm Wundt, La “psychologie des peuples” et l’histoire culturelle. *Revue Germanique Internationale*, v. 10, p.73-90, 1998.

F

FARIA, Eduardo de. *Novo Dicionario da Lingua Portuguesa*. 3ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1857. v.3.

FICO, Carlos. Algumas anotações sobre historiografia, teoria e método no Brasil dos anos 1990. In: GUAZZELLI, Cesar A. B. et. al. *Questões de teoria e metodologia da história*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000. p.27-40.

FIGUEIREDO, Candido de. *Novo Dicionário de Língua Portuguesa*. sdt., 1913. Disponível em <<https://archive.org/details/DicionrioDeL.P1913/page/n1/mode/2up>> Capturado em 01 fev. 2020.

G

GATTINARA, Enrico Castelli. épistémologie, histoire et histoire des sciences dans les années 1930. L'étrange théâtre. *Revue de Synthèse*. n.1, p.9-36, jan./mars 1998.

GERVINUS, G. G. *Geschichte der deutschen Dichtung I*. Leipzig: Wilhelm Engelmann, 1840.

GERVINUS, G. G. *Grundzüge der Historik*. Leipzig: Wlhelm Engelmann, 1837.

GERVINUS, Georg Gottfried. *Fundamentos de Teoria da História*. Petrópolis: Vozes, 2010. (Tradução de Sara Baldus e Julio Bentivoglio).

GRANDON, Alejandro Fuenzalida. *Lastarria i su tiempo. Su vida, obras e influencia en desarrollo político e intelectual de Chile*. Santiago de Chile: Imprenta Cervantes, 1893.

GONÇALVES, Sérgio Campos. Charles Beard. In.: MALERBA, Jurandir (Org). *Lições de História: da história científica à crítica da razão metódica no limiar do século XX*. Rio de Janeiro: FGV; Porto Alegre: Editora da PUC/RS, 2013. p.326-337.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos et. al. Introdução. In: *Questões de teoria e metodologia da história*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000. p.9-16.

GUMFLOWICZ, Ludwig. Sur l'histoire em temps que science. In: *La lutte des races – recherches sociologiques*. Paris: Librairie Guillaumin, 1893. 363-378. [Primeira edição em alemão – 1883].

H

HANDELMAN, Gotfried Heinrich. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1931.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do espírito*. 2ed. Petrópolis: Vozes, 1992. Tradução de Paulo meneses com a colaboração de Karl-Hinz Efken e apresentação de Henrique Vaz.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2014. (Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback).

HELLER, Agnes. *Uma teoria da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993. [Primeira edição em inglês - 1981].

HEMMERLE, Oliver Benjamin. Philippe Joseph Benjamin Buchez (1796-1865). In: DOMENICO, Roy P.; HANLEY, Mark Y. (Ed.). *Encyclopedia of Modern Christian Poltics*. V. 1, A-K. London: Greenwood Press, 2006. p.83.

HERBART, Johan Friedrich. *Principales oeuvres pédagogiques (Pédagogie générale, Esquisse de leçons pédagogiques, Aphorismes et extraits divers)*. Lille: Faculté des Lettres de Lille, 1894. (tradução de A. Pinloche).

HERDER, J. G. *Philosophie de l'Histoire de l'Humanité*. Tome I. Paris: Firmin Didot Frères, Fils, 1861.

HESKETH, Ian. The enlarging horizon: Henry Thomas Buckle's science of history. In: *the science of history in victorian Britain: making the past speak*. Pittsburgh: Univerty of Pittsburgh Press, 2016. p.27-54.

HIEMSTRA, Paul A. *Alexandru D. Xenopol and the development of romanian historiography*. New York: Garland, 1987.

HIGHAM, John. *history professional scholarship in America*. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1990.

HOLLANDA, Aurélio Buarque. *Dicionário*. São Paulo: sn.sd. Disponível em < <https://www.dicio.com.br/teoria/>> Capturado em 01 fev. 2010.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário*. São Paulo: UOL, [2007]. Disponível em <<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#4>> Capturado em 01 fev. 2010.

HURTADO, Albert L. *Herbert Eugene Bolton: historian of the American borderlands*. London: University of California Press, 2012.

I

IGGERS, Georg G. The historian banished: Karl Lamprecht in imperial Germany. *Central European History*, n. 27, p.87-92, 1994. Disponível em <<https://www.cambridge.org/core/journals/central-european-history/article/historian-banished-karl-lamprecht-in-imperial-germany/7F0E4DA45481C3995FB8EFC95805020E>> Capturado em 28 set. 2018.

J

JAHODA, Gustav. Quetelet and the emergence of the behavioral sciences. *Springer Plus*, v.4, n.473, p.2-10, 2015. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4559562/pdf/40064_2015_Article_1261.pdf> Capturado em 20 nov. 2018.

JOHNSON, Henry. History in the curriculum after 1890. In: *Teaching of History in elementary and secondary schools with applications to allied studies*. New York: The Macmillan Company, 1940. p.53-85.

JOSEPH, H. W. B. *An introduction to Logic*. Oxford: Claredon Press, 1906.

K

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. 3ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Edusf, 2013.

KELLEY, Donald R. The New History. In: *Fortunes of History. Historical inquiry from Herder to Huizinga*. New Haven: Yale University Press, 2003. p.304-338.

KOSELLECK, Reinhart. *O conceito de História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

KRUSE, Otto. The origins of writing in the disciplines: traditions of seminar writing and the humboldtian ideal of the research university. *Written Communication*, v. 23, n. 3, p. 331-352, july, 2006.

L

LABRIOLA, Antonio. *I problemi della Filosofia della Storia*. Torino: Ermanno Loescher, 1887.

LAMPRECHT, Karl. *Alte ud neue Richtungen in der Geschichtswissenschaft*. Berlin: R. Gaertners, 1896.

LAMPRECHT, Karl. *Deutsche Geschichte*. Berlin: Hermann Heyfelder, 1894. t.1.

LAMPRECHT, Karl. *Einführung in das historische Denken*. Leipzig: R. Voigtländers Verlag, 1913.

LAMPRECHT, Karl. *Moderne Geschichtswissenschaft*. Freiburg: Hermann Heyfelder, 1905.

LANGLOIS, Charles-Victor; SEIGNOBOS, Charles. *Introduction aux études historiques*. Paris: Kimé, 1992.

LAPLACE, Marquis de. *Exposition du Système du Monde*. 5e. Paris: Bachelier, 1824.

LASTARRIA, J. V. Bosquejo de uma Constitucion politica arreglada a los principios i doctrinas de la ciencia. In: *Lecciones de Politica Positiva profesadas em la Academia de Bellas Letras*. Santiago: Imp. de El Ferrocarril, 1894. p.507-546.

LASTARRIA, J. V. Invesigaciones sobre la influencia social de la conquista i del sistema colonial de los españoles em Chile – Memoria presentada a la Universidad de Chile en su sesion jeneral de 22 de setiembre de 1844. In: *Miscelánea histórica i literaria*. Valparaiso: La Patria, 1868. p.1-136. t.1.

LASTARRIA, J. V. *Lecciones de Política Positiva profesadas en la Academia de Bellas Letras*. Santiago: Imp. de el Ferrocarril, 1874.

LASTARRIA, J. V. *Miscelánea histórica i literária*. Valparaíso: La Patria, 1868.

LEOPOLDO, Visconde de S. Programa histórico. *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro, t. 1, n.2, p.61-68, 1839.

LETELIER, Valentin. *La evolucion de la historia*. 2ed. Santiago de Chile: Cervantes, 1900a. t.1.

LETELIER, Valentin. *La evolucion de la historia*. 2ed. Santiago de Chile: Cervantes, 1900b. t.2.

LETELIER, Valentin. *La evolucion de la Historia*. Santiago de Chile: Sn, 1888.

LETELIER, Valentin. *Por qué se rehace la historia?* Memoria premiada en el certamen abierto por la Facultad de Humanidades en 1886. Santiago de Chile: Imprenta de "La Libertad Electoral", 1888.

LETELIER, Valentin. Un nuevo plan de estudios secundarios. In: *La lucha por la cultura. Miscelanea de artículos políticos i estudios pedagógicos*. Santiago de Chile: Imprenta I Encuadernacion Barcelona, 1895. p. 297-307.

LIMA, Bernardo de. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. Lisboa: Joze de Aquino Bulhoens, 1783.

LINGELBACH, Gabriele. Intercultural transfer and comparative History: The Benefits and limits of two approaches. *Traversea*, sn. v.1, p.46-59, 2011a.

LINGELBACH, Gabriele. *Klio macht Karriere. Die Institutionalisierung der Geschichtswissenschaft in Frankreich und den USA in der zweiten Hälfte des 19. Jahrhunderts*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2003.

LINGELBACH, Gabriele. The institutionalization and professionalization of history in Europe and the United States. In: MACINTYRE, Stuart; MAIGUASHCA, Juan; PÓK, Attila. *The Oxford History of historical writing*. v. 4: 1800-1945. New York: Oxford University Press, 2011b. p.78-96.

LIPP, Solomon. *Three chilean thinkers*. Waterloo: Wilfrid Laurier University Press, 1975.

LITTRÉ, Émile. *Auguste Comte et la philosophie positive*. 2ed. Paris: Hachete, 1864.

LITTRÉ, Émile. Les trois philosophies. *La Philosophie Positive*. Paris, t.1, p.5-30, juillet/août, 1867a.

LITTRÉ, Émile. M. Taine et le mot Positiviste. *La Philosophie Positive*, Paris, t.1, p.136-137, jul./déc. 1867b.

LITTRÉ, Émile. Plan d'un Traité de Sociologie. *La Philosophie Positive*, Paris, n.1, p.153-160, juillet/août, 1872.

LITTRÉ, ÉMILE. De l'*Histoire de la civilisation en Angleterre. La Philosophie Positive*. Paris, t.2, p.5-30, 1868.

LOPES, Marcos Antônio (org). Apresentação. In: *Ideias de História: tradição e inovação de Maquiavel a Herder*. Londrina: Eduel, 2007. p.11-18.

LOPES, Marcos Antônio; MUNHOZ, Sidnei J. Apresentação. In: *Historiadores do nosso tempo*. São Paulo: Alameda, 2010. p.11-12.

LOTZE, Hermann. *Microcosmus - An essay concerning man and his relation to the world*. Edinburg: T. & T. Clark, 1885. v. 1.

LYMAN, Stanford M. History and Sociology: some unresolved epistemological Issues. *International Journal of Politics, Culture and Society*, [sn.], v.9, n.1, p.29-55, 1995.

M

MAIGUASHCA, Juan. Historians in Spanish South America: Cross-references between centre and periphery. In: MACINTYRE, Stuart; MAIGUASHCA, Juan; PÓK, Attila (org.). *The Oxford History of historical writing – 1800-1945*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p.463-487.

MALERBA, Jurandir. Apresentação. In: *A velha história: teoria, método e historiografia*. Campinas: Papirus, 1996. 312

MALERBA, Jurandir. Prefácio. *Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX*. Rio de Janeiro: Editora da FGV; Porto Alegre: EDIPUC-RS, 2010. p.7-14.

MALEVAL, Isadora Tavares. A atuação de Joaquim Manuel de Macedo no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Aracaju, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, n.47, p.52-65, 2017.

MARROU, Henri-Irénée. *De la connaissance historique*. Paris: Seuil, 1954.

MARTINS, Estevão de Rezende. Introdução: o renascimento da história como ciência. In: *A História pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010. p.7-14.

MARTINS, Estevão; CALDAS, Pedro. Leopold von Ranke (1795-1886). In: BENTIVOGLIO, Júlio; LOPES, Marcos Antônio (org.). *A constituição da História como ciência – De Ranke a Braudel*. Petrópolis: Vozes, 2013.

MATOS, Selma Rinaldi de. *A História do ensino de História do Brasil no Império através dos manuais de Joaquim Manuel de Macedo*. Rio de Janeiro, 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Filosofia da Educação, Fundação Getúlio Vargas.

MEGILL, Allan. Teoria da história CA. 1870-1940: objetividade e antinomias da história em um tempo de crise existencial. In: MALERBA, Jurandir (org.) *Lições de História: da história científica à crítica da razão metódica no limiar do século XX*. Rio de Janeiro: Editora da FGV; Porto Alegre: Editora da PUC-RS, 2013. p.11-37.

MENNA, Sergio Hugo. Apresentação: Francis Bacon e o *Novo Organum*. In: BACON, Francis. *Novo Organon [Instauratio Magna]*. São Paulo: Edipro, 2014. p.9-15.

MICHAELIS – *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. [São Paulo]: Melhoramentos, 2015. Disponível em <>Capturado em 01 fev. 2020.

MONOD, Gabriel. A nos lecteurs. *Revue Historique*, Paris, t.100, p.1-12, jan./avr. 1909b.

MONOD, Gabriel. Du progrès des études historiques em France depuis le XVI^e siècle. *Revue Historique*, Paris, p.5-38, jan./juin 1876.

MONOD, Gabriel. Histoire. In: BOUASSE, H. (org.). *De la méthode dans les sciences*. Paris: Félix Alcan, 1909a. p.319-362.

MONOD, Gabriel. Introduction. In: *Études critiques sur les sources de l'Histoire Mérovingienne*. Paris: A. Franck, 1872. p.3-20.

MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Dom Quixote, 1978.

MORAES E SILVA, Antônio. *Diccionario da Lingua Portuguesa (F-Z)*. T.2. Lisboa: Typgraphia Lacerdina, 1813.

MORAES E SILVA, Antônio. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. 10ed. [Sn.: 1945].

MORTET, Charles. La evolucion de la historia. *Revue de Synthèse Historique*, [Paris], t. 50, p.381-384, jul./dec. 1902.

N

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguêsa*. Rio de Janeiro: Acadêmica; Francisco Alves, 1955. Tomo 1.

NICOLAZZI, Fernando. *História e historiadores no Brasil: do fim do Império ao alvorecer da República: 1870-1940*. Porto Alegre: Editora da Puc/RS, 2015.

NISBET, Robert. *Teachers and Scholars. A memoir of Berkeley in Depression and War*. New Brunswick: Transaction Publishers, 2013. [Primeira edição em 1992].

NOVICK, Peter. *That noble dream. The "Objectivity Question" and the American Historical Profession*. New York: Cambridge University Press, 1988.

P

PARADA, Maurício (org.). *Os historiadores clássicos da história. v.2 De tocqueville a Thompson*. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio; Petrópolis: Vozes, 2013. p.36-55.

PÂRVU, Ilie. The tradition of scientific Philosophy in Romania. In: PÂRVU, Ilie; SANDU, Gabriel; TOADER, Lulian D. (ed.). *Romanian studies in Philosophy of Science*. New York: Springer, 2015. p.3-24.

PAUL, Herman. What is historical theory? In: *Key issues in historical theory*. New York: Routledge, 2015. p.1-16.

PAUL, Hermann. *Aufgabe und Methode der Geschichtswissenschaften*. Belin: Walter de Gryter, 1920.

PAUL, Hermann. *Mehodenlehre der Germanischen Philologie* (Zweite Auflage): Strassburg: Karl J. Trübner, 1897.

PAUL, Hermann. *Principles of the History of Language*. London: Longmans, 1891. 296

PAUL, Hermann. *Sprachgeschichte*. Halle: Max Niemeyer, 1880.

PINTO, Luís Maria da Silva. *Diccionario da língua brasileira*. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832.

POTIN, Yann. Les fantômes de Gabriel Monod. Papiers et paroles de Jules Michelet, érudit et profete. *Revue historique*, Paris, n.664, p.803-836, 2012.

POWELL, Baden. Essay I. In: *Christianity without judaism. A second series of essays*. London: Longman, Brown, Green, Longmans and Roberts, 1857. p.3-23.

Q

QUESADA, Ernesto. *La enseñanza de la historia en las universidades alemanas*. La Plata: Facultad de Ciencias Jurídicas y Sociales, 1910.

QUETELET, Adolphe. *Sur l'Homme et le développement de ses facultés, essai de Physique Sociale*. Paris: Bachelier, 1835. t.1.

R

RANKE, Leopold von. *Deutsche Geschichte im Zeitalter der Reformation*. Berlin: Duncker und Humblot, 1839. t.1.

RANKE, Leopold von. *History of the latin and teutonic nations from 1494 to 1514*. London: George Bell and Soons, 1887.

RANKE, Leopold von. Preface to the first edition of *Histories of the latin and*

germanic peoples. *Sämmtliche Werke*, XXII, p.v-viii. (Traduzido por Wilma A. Iggers). In: RANKE, Leopold von. *The theory and practice of History*. London: Routledge, 2011. (Organizado por George Iggers).

RANKE, Leopold von. *Zur Kritik neuerer Geschichtschreiber*. Leipzig: G. Reimer, 1824b.

REIS, José Carlos. *História da “consciência histórica” ocidental contemporânea - Hegel, Nietzsche, Ricoeur*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

REIS, José Carlos. *Teoria e História*. Tempo histórico, história do pensamento histórico ocidental e pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2012.

RESENDE JÚNIOR, José. A crítica metodológica das ciências de Wilhelm Windelband. *Problemata: Revista Internacional de Filosofia*. João Pessoa, v.6, n.2, p.381-404, 2015.

REUSS, R. Études critiques sur les sources de l'histoire mérovingienne, par M. Gabriel Monod. *Revue Critique d'Histoire et de Littérature*, Paris, septième année – premier semestre, p.308-312, 1873.

RIBEIRO, João. A ciência da História. In: *História Antiga (Oriente e Grécia)*. Rio de Janeiro: s.n, 1894. p.1-26.

RIBEIRO, João. *História do Brasil – Curso superior*. Rio de Janeiro: Cruz Coutinho, 1901.

RICKERT, Heinrich. Les quatre modes de l' “Universel” em histoire. *Revue de Synthèses Historique*. Paris, t.2, n.5, p.121-140, avr. 1901.

RICKERT, Heinrich. Les tâches d'une logique de l'Histoire. *Les Études Philosophiques*, n. 92, p.87-107, 2010.

RICKERT, Heinrich. *Teoría de la definición*. México: Universidad Autónoma Nacional de México, 1960.

RICKERT, Heinrich. *Ciencia cultural y ciencia natural*. Buenos Aires: Espasa Calpe, 1959.

ROBINSON, James Harvey. *Essays illustrating the modern historical outlook*. New York: The Macmillan Company, 1920.

RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil: introdução metodológica*. 3ed. São Paulo: CIA Editora Nacional, 1969.

ROMERO, Sílvio [Sílvio Ramos]. Discurso. In: *Anais da Assembleia Provincial de Sergipe no ano de 1874*. Aracaju: Tipografia da Crença, 1875. p.93-96.

ROMERO, Sílvio. Da interpretação filosófica na evolução dos fatos históricos (1879/1880). In: NICOLAZZI, Fernando (org.). *História e historiadores no Brasil: do fim do Império ao alvorecer da República (1870-1940)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. p.45-65.

ROMERO, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional. Edição de 1888. Depositado em domínio público. Disponível em < http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2128 > Capturado em 29 abr. 2019.

ROMERO, Sílvio. *Introdução à História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Tipographia Nacional, 1882. v.1

ROMERO, Sílvio. Teoria das criações fundamentais e irredutíveis da humanidade ou classificação dos fenômenos em Sociologia. In: *Filosofia do Direito*. 2ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1908a. p.176-202. 297

ROMERO, Sílvio; RIBEIRO, João. *História do Brasil*: ensinada pela biografia dos seus heróis (livro para as classes primárias). 8 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1908b.

ROQUETE, Jose-Ignacio. Paris: J. P. *Nouveau Dictionnaire Portugais-Français*. Paris: J.-P. Aillaud, 1841.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Paradigmas do estudo da História*: os modelos de compreensão da ciência histórica no pensamento contemporâneo. Porto Alegre: IEL/IGEL, 1991.

RÜSEN, Jörn. O que é a teoria da história? In: *Teoria da História* - Uma teoria da história como ciência. Curitiba: Editora da UFPR, 2015b. p.31-36.

S

SACCONI, Luiz Antonio. *Grande Dicionário Sacconi da língua portuguesa*: comentado, crítico e enciclopédico. São Paulo: Nova Geração, 2010.

SCHLEIER, Hans. Ranke in the manuals on historical methods of Droysen, orenz, and Bernheim. In: IGGERS, Georg G; POWELL, James M. (ed.). *Leopold von Ranke and the Shaping of the historical discipline*. Syracuse: Syracuse University Press, 1990. p.111-123.

SEIGNOBOS, Charles. De la connaissance en Histoire. *Revue Philosophique de la France et de l'étranger*. Paris, v.24, p.1-32, juillet/décebre, 1887.

SEIGNOBOS, Charles. *L'enseignement de l'Histoire comme instrument d'éducation politique*. In: SEIGNOBOS, Charles et. al. *L'enseignement de l'Histoire*. Paris: Imprimerie Nationale, 1907, p.1-24.

SEIGNOBOS, Charles. *La méthode historique appliquée aux Sciences sociales*. Paris: Félix Alcan, 1901.

SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. Lamprecht: o historicismo em crise. In: MALERBA, Juandir (org.). *Lições de História*: da História científica à crítica da razão me-

tódica no limiar do século XX. Porto Alegre: Edipucrs; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2013. p.131-136.

SILVA, Maria Beatriz Nizza. Introdução. In: *Teoria da história*. São Paulo: Cultrix, 1976. p.7-21.

SIMIAND, François. "Introduction aux études historiques" (1898) (Compte rendu de Ch. V. Langlois et Ch. Seignobos, Introduction aux études historiques). *Revue de Métaphysique et de Morale*, [Paris], n?, p.633-641, 1898.

SIMIAND, François. Méthode historique et science sociale. Étude critique d'après les ouvrages récents de M. Lacombe et de M. Seignobos. *Revue de Synthèse Historique*, Paris, t?, p.1-22, 1903.

SIMMEL, Georg. *Die Probleme der Geschichtsphilosophie – Eine Erkenntnistheoretische Studie*. Leipzig: Dunker & Humblot, 1892.

SMALL, Albion W. Evolution of Sociological consciousness in the United States. *American Journal of Sociology*, v.27, n.2, p.226-231, sp., 1921. Disponível em <www.jstor.org/stable/2764827> Capturado em 02 out. 2018.

SMITH, John David; LOWERY, J. Vincent. *The Dunning school: historians, race, and the meaning of reconstruction*. Lexington: The University Press of Kentucky, 2013.

STEBBING, L. Susan. The contrast between experimental and historical sciences. In: *A modern introduction to Logic*. 3ed. London: Methuen, 1933. p.375-388.

STROBEL, Edward Henry. La Evolucion de la Historia. Por Valentin Letelier. *American Historical Review*, p.736-738, abr. 1901-1902.

T

TEGGART, Frederick J. *Prolegomena to History: The relation of History to Literature, Philosophy, and Science*. Publicações em História da Universidade da Califórnia, Berkeley, v. 4, n.3, p. 155-292, 1916.

TEGGART, Frederick J. *The processes of History*. New Haven: Yale University Press, 1918.

THOMAS, Felix. Avant propos. In: BOUASSE, H. et. al. *De la Méthode dans les Sciences*. Paris: Felix Alcan, 1909. p.i-iii.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário Português-Latino*. 2ed. Porto: Domingos Barreira, 1936. Disponível em <<https://archive.org/details/DicionarioPortuguesLatinoPorFranciscoTorrinha2a.EdicaoEPorto1936/page/n1/mode/2up>> Capturado em 01 fev. 2020.

TRYON, Rolla Milton. *The teaching of History in Junior and Senior High Schools*. Boston: Ginn, 1921.

V

VAINFAS, Ronaldo. Prefácio. In: LOPES, Marcos Antônio; MUNHOZ, Sidnei J. (orgs). *Historiadores do nosso tempo*. São Paulo: Alameda, 2010. p.7-9. 318

VALDEZ, Manuel do Canto e Castro Mascarenhas. *Diccionario Español-Portugués*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1866.

VASCONCELOS, José Antonio. *Quem tem medo de teoria?* A ameaça do pós-modernismo na historiografia americana. São Paulo: FAPESP; Anablume, 2005.

VIEYRA, Anthony. *A Dictionary of the English and Portuguese Languages*. Lisbon: Rolland, 1850.

VILLARI, Pascuale. Tommaso Errico Buckle e la sua storia della civiltà. In: *Arte storia e filosofia. Saggi critici*. Firenze: G. C. Sansoni, 1884b. p.221-271.

VILLARI, Pasquale. L'insegnamento della storia. In: *Arte storia e filosofia. Saggi critici*. Firenze: G. C. Sansoni, 1884a. p.191-229.

VILLARI, Pasquale. La Filosofia Positiva ed Il metodo storico. In: *Saggi di Storia, di Critica e di Politica*. Firenze: Cavour 1868. p.1-36.

VILLARI, Pasquale. *Studies historical and critical*. London: T. Fischer, 1907.

W

WEHLING, Arno. Filosofia, metodologia e teoria da história: uma delimitação pelas respectivas origens. In: *A invenção da história: estudos sobre o historicismo*. Niteroi: Editora da UFF, 1994. p.93-109

WHITE, Hayden. *Metahistory: the historical imaginatio in nineteenth-century Europe*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1975.

WOLL, Allen L. Positivism and History in nineteenth-century Chile: José Victorino Lastarria and Valentín Letelier. *Journal of the History of Ideas*, v.37, n.3, p.493-506, 1976.

WUNDT, Wilhelm. *Logik – Eine untersuchung der Prinzipien der Erkenntnis und der Methoden wissenschaftlicher Forschung (Logik der Geisteswissenschaften)*. 3ed. Stuttgart: Ferdinand Enke, 1908. [Tomo 3]. [Primeira edição – 1880-1883].

WYROUBOFF, Grégoire. La Filosofia Positiva e il metodo storico, par le professeur Pasquale Villari. *La Philosophie Positive*, Paris, n.1, p.332-336, juillet/décembre, 1867. 319

X

XENOPOL, Alexandre Dimitri. *La théorie de l'Histoire*. 2ed (*Des principes fondamentaux de l'histoire*). Paris: Ernest Leroux, 1908.

XENOPOL, Alexandre Dimitri. *Les principes fondamentaux de l'histoire*. Paris: Ernest Leroux, 1899.

XENOPOL, Alexandru Dimitri. *Histoire des Roumains de la Dacie Trajane depuis les origines jusqu'à l'Union des Principautés en 1839* (1888/1893). Paris: Ernest Leroux, 1896. 2v.

XÊNOPOL, Alexandru Dimitri. *Istoria ideilor mele*. In: TOROUTIU, I. E. *Studii și documente literare*. București: Inst. Arte grafice Bucovina, 1933. v.4.Z

ZHAO, Dingxin. *The confucian-legalist state: a new theory of chinese history*. Oxford: Oxford University Press, 2015.